

MARÉ VIVA

DIRECTOR: ANTÓNIO A. SANTOS

SEMANÁRIO

ANO I — N.º 8 — PREÇO 3\$50 — 18/8/1976

(Avençado)

APONTAMENTO

Sachetti foi um dos maiores torcionários de todas as polícias que o povo português teve de suportar ao longo da história. Foi libertado há dias.

Spínola encabeçou um golpe contra-revolucionário cuja dimensão ainda hoje desconhecemos na sua totalidade. Continuou, no estrangeiro, a sua acção contra-revolucionária.

Há dias entrou no País. Confiadamente. E foi libertado!!!

A naturalidade com que nos querem fazer aceitar estes factos como normais preocupa-nos e põe-nos a questão: Para onde caminhamos?

DR. GOMES DE ALMEIDA

O CIENTISTA

O CIDADÃO

Em Agosto de 1972, faleceu o Dr. Manuel Gomes de Almeida. Findava aos 70 anos uma vida exemplar de luta, de inconformismo perante os desafios da ciência e da vida.

Com admiração e saudade, «Maré Viva» lembra o aniversário da sua morte e fá-lo, através de algumas das palavras sinceras e comovidas que o Dr. Moreira da Costa, seu discípulo, proferiu, há bem pouco tempo, na homenagem que o Hospital de Espinho levou a efeito, e da transcrição do pequeno excerto dum artigo do «Jornal do Comércio», de Lisboa, da autoria do jornalista Norberto Lopes.

Falar do Dr. Manuel Gomes de Almeida, a nível local, da sua intervenção persistente e determinação pessoal no índice de valor da Medicina que Espinho pode alcançar, é fácil...

Paradoxalmente é muito fácil.

Se Espinho se pode orgulhar hoje — no bom sentido — de se ver a braços e com dores de cabeça perante problemas cruciais de Saúde, através da multidão de doentes que cada vez mais acorrem ao seu hospital — índice de confiança e apreço pelo que este consegue executar — a ELE o deve.

Sem receio que me desmintam, foi primária e fundamentalmente, a explosão inédita para a época, a nível local e sucessivamente regional, da capacidade de resolução dos problemas do foro cirúrgico alcançados em Espinho, que constituíram o cerne e estão na origem hoje de tantos motivos de preocupação e ansiedade para a população local de que pode e tem de ser o seu Hospital.

Em todos os aspectos da vida dos povos há sempre que distinguir entre HOMENS e homens.

MANUEL GOMES DE ALMEIDA era um HOMEM do POVO, mas não confinado necessariamente a uma vila ou cidade anteprojectada por razões de ordem política e convencional, desde que o começemos a encarar sob uma perspectiva humana e científica.

Sentia em si o desejo de exercer a arte-ciência da Cirurgia.

Teria de conjugar esse anseio com as necessidades inerentes de vivência humana. Foi clínico médico, jovem, audaz e por

isso aceite desde início pela maioria de uma população desiludida já de «tantas papas de linhaça e de purgantes de sulfato de sódio».

A sua formação ingénita, se deve já, que ao longo da sua vida universitária sintia uma preocupação constante de conhecer o porquê e do senão das disparidades vividas e suportadas por diferentes colegas. Rapidamente se ergue como figura de liderança dos estudantes progressistas da época, reivindicando já alterações na metodologia do ensino e nas tentativas de alcançar para todos, desde que aptos, as mesmas condições e classificações então e como hoje em disputa.

Desde logo começa de surgir, a par de uma ânsia própria e incontrolada de aperfeiçoamento científico, uma nítida e também incontrolável necessidade de entender porque razões uns eram filhos e outros enteados...

O desejo de como Médico, desejar e poder ser Cirurgião, com o conhecimento prévio das dificuldades que na vida profissional lhe iriam ser acrescentadas às já sofridas na vida universitária, equacionou-lhe um problema angustiante: Como realizar nesses tempos uma aprendizagem séria e consciente da Cirurgia?

Na época em que vivia, MANUEL GOMES DE ALMEIDA sabia que só em Lisboa e nos Hospitais Cívicos isso seria possível, ainda que tendo de pagar com grande esforço pessoal e socorrer-se de amigos que sempre tinha cultivado.

As Faculdades de Medicina de então, e pouco mudou de então para cá, eram um

(Conclui na página 7)

GRIJÓ

AUTO-ESTRADA

DELEGAÇÃO LOCAL RECEBIDA NO M. O. P. e J. A. E.

Mais uma tentativa foi feita pelo Presidente da Junta de Freguesia de Grijó, mandatado pelas Comissões de Moradores, e acompanhado por representantes de algumas delas, no intuito de obter explicações — que oficialmente nunca tinham sido dadas — que pudessem ser dadas aos habitantes de Grijó, sobre o problema da Auto-Estrada que prejudicava e prejudica bastantes famílias e pequenos rurais.

Assim, no dia 11 do corrente, foi obtida uma audiência com o actual ministro das Obras Públicas, que declarou nada haver a fazer, pois a decisão estava tomada e o traçado teria de ser o «C». Perguntado porque é que, quando era director da J.A.E., achava injusto o traçado «C», incitando as populações a lutarem com vista a obterem a aprovação do traçado «A», que ele próprio também nessa altura defendia, e agora como ministro aparece a apoiar o traçado «C», disse que já nada havia a fazer e nada acrescentou quanto à ambiguidade das suas posições. Também nada adiantou quanto às razões que levaram a adoptar o traçado «C» e a abandonar o «A». No entanto, contactou o Vice-Presidente da J.A.E., a fim de o mesmo receber a delegação o que veio a acontecer.

Na Junta Autónoma das Estradas a delegação de Grijó foi recebida pelo Vice-

-Presidente e pelo Eng.º Leonel, técnico que fez os estudos dos traçados em discussão. A pergunta — porquê o abandono do traçado «A»? — logo o Snr. Eng.º Leonel pediu, «por amor de Deus» que deixassem de pensar nesse traçado e discutissem algumas soluções técnicas para o traçado «C», pois só isso podia ser discutido. Por insistência da delegação, acabou por afirmar que o abandono do traçado «A» ultrapassava o âmbito da J.A.E., pondo-se a um «nível político» (Governo), adiantando mesmo que tecnicamente todos os traçados eram possíveis. A única justificação que tentou avançar foi a de que o traçado «C» favorece mais o conjunto paisagístico do mosteiro, quinta e aqueduto, o qual não pode ser destruído. Contestado nestas afirmações, adiantou por último que a cerca que serve de vedação à propriedade privada da quinta havia sido, muito recentemente, considerada monumento nacional.

Assim, a delegação viu-se perante o facto consumado por vias políticas — prolegendo quem? Com que intenções? No campo das alterações técnicas, conseguiu que fosse reduzido o número de demolições de habitações de 14 para 5, através de processos que o Eng.º Leonel chamou «obras

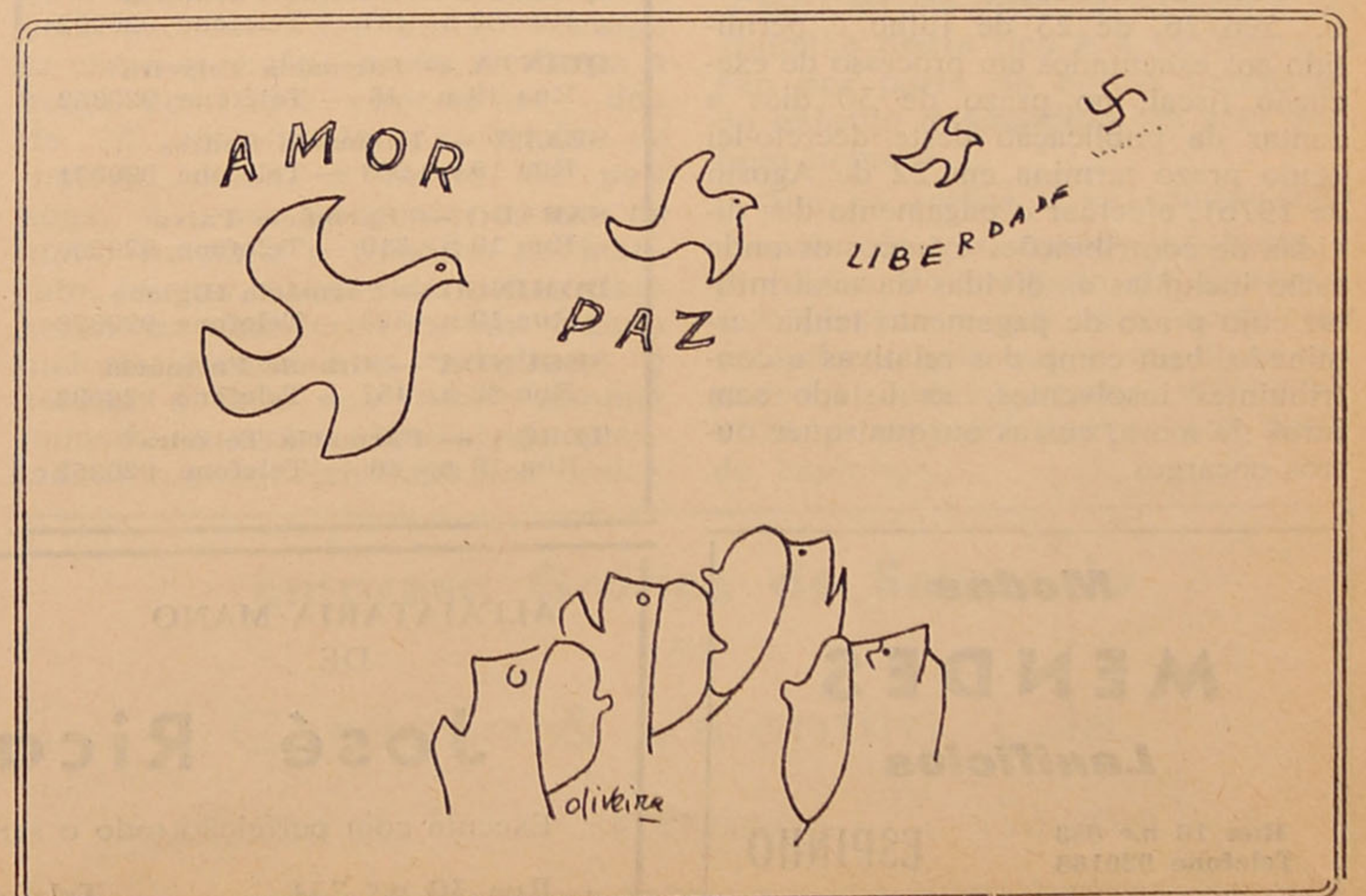
(Conclui na página 7)

MARÉ-RUA

ATENTADOS

TERRORISTAS

Página 3



NO TI CI AS

...AO ACASO

Um fim de tarde de Verão. Uma segunda-feira qualquer. Um apinhar de gente que chama a atenção. Um vaivém constante nos cais de embarque da C. P. Espinho, cidade em dia de Verão e feira. Um aglomerado de gente. Clientes da feira e da praia. Um comboio que se aproxima. Que se enche, que transborda gente. Que parte com pessoas acamadas como sardinhas no interior e dependuradas como frutos no exterior. Uma situação numa segunda-feira. Um apontamento de um problema a resolver. Num fim de tarde de Verão. Espinho cidade!

Eu vi! Vejo todas as semanas. E quem tem poderes para resolver o problema?

Inscribe-te

na Cooperativa NASCENTE

Só, dentro do automóvel, bebê em pânico

Aconteceu na passada quinta-feira, cerca das 17 horas, na Avenida 8.

Os pais estacionaram o carro e, por espaço de tempo que consideravam breve, ausentaram-se deixando na viatura o bebé adormecido. O menino, que acordou antes da altura certamente prevista, não gostou de se ver «só no mundo» e desatou a protestar da única maneira que por enquanto lhe é possível. O choro aflitivo do bebé atraiu populares que em breve rodeavam o carro em grupo numeroso. Logo de seguida aparece, esbaforido, o pai da criança, atraído pelo ajuntamento. Passados poucos instantes o bebé já sorria, ao colo confortável e carinhoso de quem lhe deu o ser.

Este episódio nada teria de relevante se à memória do elemento do «Maré Viva» que, ocasionalmente, passava no local, não ocorresse um caso dramático há anos acontecido na capital: um casal deixou dentro do seu automóvel, prudentemente estacionado à sombra, um bebé de meses. Não pensaram, porém, no movimento constante e inevitável do nosso planeta. Em breve o carro, exposto ao sol ardente da época estival, era um braseiro no seu interior. A criança morreu de insolação, sem que desse perigo alguém se tivesse apercebido a tempo.

Aqui fica um aviso, para os pais presentes e futuros.

AVISO

EXECUÇÕES FISCAIS

Com a publicação do Decreto-Lei n.º 596/76, de 23 de Julho é permitido aos executados em processo de execução fiscal, no prazo de 30 dias a contar da publicação deste decreto-lei (cujo prazo termina em 22 de Agosto de 1976), efectuar o pagamento das dívidas de contribuições e impostos onde estão incluídas as dívidas da taxa militar cujo prazo de pagamento tenha terminado, bem como das relativas a contribuintes insolventes, ao Estado sem juros de mora, custas ou quaisquer outros encargos.

FARMÁCIAS

QUARTA — Grande Farmácia
Rua 62 n.º 457 — Telefone, 920092

QUINTA — Farmácia Teixeira
Rua 19 n.º 46 — Telefone, 920352

SEXTA — Farmácia Santos
Rua 19 n.º 263 — Telefone, 920331

SÁBADO — Farmácia Paiva
Rua 19 n.º 319 — Telefone, 920250

DOMINGO — Farmácia Higiene
Rua 19 n.º 393 — Telefone, 920320

SEGUNDA — Grande Farmácia
Rua 62 n.º 457 — Telefone, 920092

TERÇA — Farmácia Teixeira
Rua 19 n.º 46 — Telefone, 920352

ALFAIATARIA MANO
DE

José Ricardo Mano

Executa com perfeição todo o serviço para homem, senhora e criança

Rua 30 n.º 731

Telefone, 921823

ESPINHO

Modas

MENDES

Lanifícios

Rua 16 n.º 683
Telefone 920168

ESPINHO

CINEMAS

S. PEDRO

Dia 18, Quarta-feira — **A REBELDE APAIXONADA** — M/18 anos.

Em tempo que pretende ser de descontracção e de férias, mais um filme leve, para passar o tempo.

Dia 19, Quinta-feira — **Mr. MAJES. TYK** — M/18 anos.

Charles Bronson mostra mais uma vez aquilo de que é capaz: pancada e pouco mais.

Dia 20, Sexta-feira — **AS AVEN. TURAS DE MR. FORBUSH** — M/10 anos.

A propaganda apresenta os intérpretes deste filme como sendo tão divertidos como Charlot.

Pela nossa parte não cremos. E você?

Dia 21, Sábado — **CERIMÓNIA SANGRENTA** — M/18 anos.

De cerimónias estamos todos fartos, sorriscos, cumprimentos, etc.! Quanto ao sangue, quanto menos se verter melhor. Daí se pode concluir que...

Dia 22, Domingo — **CINCO ALMO. FADAS PARA UMA NOITE** — M/18 anos.

Depois da cama vêm as almofadas. Mais uma comédia para «alegrar» as suas férias.

Dia 23, Segunda-feira — **QUANDO O AMOR É SENSUALIDADE** — M/18 anos.

Quando o cinema é mediocridade, fabricam-se produtos destes.

Dia 24, Terça-feira, às 15.30 horas — **MELODY** — M/6 anos.

Se tem a tarde livre, leve os seus filhos ao cinema, pois de entre os filmes que vão aparecendo para todos, este merece a sua atenção.

XIII Festival de Música

Com uma regularidade e qualidade assinaláveis, tem prosseguido o XIII Festival de Música de Espinho, organização habitual da Academia de Música desta cidade.

Assim, no pasado dia 2, no salão do Hotel PraiaGolfe, teve lugar um recital de piano por Fausto Manuel da Silva Neves, que dentro do elevado nível interpretativo a que nos habituou, executou obras de Scarlatti, Beethoven, Bach, Ravel, Lopes Graça, Villa Lobos, Debussy e Brahms. Repertório bem escolhido, desde o conhecido «Clair de Lune» de Debussy, até às duas pequenas peças de Lopes Graça «Pequena tocata em forma de contenda» e «Jornada gloriosa». Um recital de bom nível a que só faltou (até quando?) moldura humana condigna.

No dia 9, novo recital do Festival de Música. Desta vez, flauta e piano, por Carlos Franco e Regina de Vasconcelos, que interpretaram obras de Bach, Carlos Seixas e Telemann. Carlos Franco, 1.º prémio do Concurso Guilhermina Suggia em 1967 e regressado há pouco duma «tournée» em Itália, onde foi considerado um dos melhores flautistas europeus, teve uma interpretação muito segura e tecnicamente perfeita, muito bem acompanhado por Regina de Vasconcelos.

O XIII Festival de Música de Espinho continua no dia 23 com um recital de Canto e Piano.

Dia 24, Terça-feira, às 21.30 horas — **OS DIABOS** — M/18 anos.

Nem tudo o que «contém cenas eventualmente chocantes» é mau.

Estes «Diabos», por exemplo merecem (ainda que com certas reservas) uma visão atenta e crítica.

CASINO

Dia 18, Quarta-feira, às 15.30 horas — **PATO DONALD & C.** — M/6 anos.

Já leu o livro «Para ler o Pato Donald»?

Não? Então, leia-o e depois talvez veja com outros olhos esses patos «made in U.S.A.».

Dia 18, Quarta-feira, às 21.30 horas — **OS INSEPARÁVEIS** — M/13 anos.

Claude Sautet realizou. Ives Montand e Michel Piccoli, interpretam.

«Maré Viva» aconselha a ver.

Dia 19, Quinta-feira — **OS PECADOS INCONFESSÁVEIS DE UMA SENHORA BEM** — M/18 anos.

Outra vez!!!

É caso para dizer que já cheira mal.

Dia 20, Sexta-feira — **EXCELSIOR — A FÓRIA DO KARATÉ** — M/13 anos.

Ele aí está, o sr. Kung-Fu! Este mês já se estava a notar a sua falta.

Dias 21 e 22, Sábado e Domingo — **OS HOMENS QUE CONTAM** — M/18 anos.

Os filmes também costumam contar uma história, simplesmente, às vezes, é cada uma, que mais vale fugir.

Dia 23, Segunda-feira — **A ESPADA DO SOL** — M/18 anos.

Bem me queria parecer que o mês cinematográfico não acabava sem mais um «kung-fuzito».

Rubi

RELOJOARIA ■ OURIVESARIA

Ivo dos Santos Coelho

Rua 23 n.º 360 — Telef. 920592
ESPINHO

MARÉ VIVA

SEMANÁRIO

Propriedade:

NASCENTE — Cooperativa de Acção Cultural, s.c.r.l

Redacção — Rua 62 n.º 251-1.º
Telef. 921621

ESPINHO

Director

António A. Santos

Fizeram este número:

Adriano Cardoso — Antero Monteiro — António Capelo — António Letra — António Santos — Carolina Garcia — Dário Capela — Ema Letra — Joaquim Quintas — Jorge Catarino — José Vasconcelos — Laura Gaio — Manuel Loureiro — Morais Gaio — Nuno Barbosa — Augusto Mota.

Colaboração especial:

Albertino Pinheiro — Alberto Barbosa (BEKA) — Carlos P. de Morais — Domingos Oliveira — Tibério Coelho.

Composição e Impressão

Oficinas Gráficas
da Casa Num'Alvares — Porto

Teatro em digressão

Na segunda quinzena de Agosto, um grupo de jovens amantes do teatro farão uma série de espectáculos na zona de Montalegre, onde deverão contar com apoio eficiente. Estando o mês de Agosto, reservado a férias, a repouso, a praia, a lazer, estes jovens resolveram ocupá-lo, não com indolentes passeios na esplanada, ou longas conversas à mesa de café, mas com quinze dias de preparação da peça e outros quinze de representações.

Na base da iniciativa está o *Teatro Popular de Espinho da Secção Cultural da A. A. E.*, acrescido de novos elementos, pela primeira vez a representar e que poderão aderir a este grupo. Aderiram também, dois actores, um de Évora e outro de Lisboa, com intuito de terem umas férias diferentes, úteis, que os sirvam não só a eles como a um vasto número de pessoas. Algumas das pessoas que colaboraram, na medida das suas possibilidades, vão não a Montalegre, mas estará lá presente o seu trabalho, a sua ajuda.

Mas porquê Montalegre? Porquê, a província de Trás-os-Montes? Uma região onde as carências abundam, onde as populações habitam em circunstâncias infra-humanas. Aldeias em regime comunitário. Pessoas que nunca viram teatro. Por isso, a peça a levar terá que ser de fácil entendimento. Aberta a todos, livre de preconceitos intelectuais, de arrebiques, de subjectivismos. Mas à facilidade de entendimento, à faculdade de comunicação terá de se ligar uma mensagem, uma ideia que possa contribuir para transformar mentes adormecidas pelo obscurantismo, pelo caciquismo em mentes capazes de produzirem transformações.

A peça a representar é oriunda do século XVI, da autoria de Cervantes, é um exemplo típico do entremez, do teatro popular, simples mas simultaneamente profundo, comunicativo. O seu título: *Retábulo das Maravilhas*.

Para já a notícia e o desejo que sejam colhidos frutos nesta experiência teatral que cremos positiva. «Maré Viva» espera, quando do regresso do grupo, publicar uma desenvolvida reportagem sobre este facto.

Maré - Rua

Recentemente, conforme os jornais como eu, desejam ver uma nova pátria, um novo país, um novo futuro.

«Qual a sua opinião?»

«Que pensa dos nomes implicados?»

Pavoneando-se ao pôr-do-sol, tricotando e falando do dia decorrido enchem a esplanada.

Muitas pessoas em férias, outras, acabadinhas de chegar do enfumado escritório e a revigorar os seus pulmões no aroma salgado da maresia.

Férias de tudo... de jornais, de política, de tudo aquilo que os rodeia e de que dependem.

Mesmo assim «atacámos».

— Fiquei admirado, nunca pensei que fossem esses os implicados, não tenho mais nada a dizer.

E não disse mesmo. Nem o nome, quando lho perguntámos.

— O que é que eu penso? Que deviam ser fuzilados! Desconfiava um pouco dessas pessoas pois tenho uns conhecimentos ligados a esse sector que me permitiram basear concretamente as minhas desconfianças. Mas só fuzilados!!!

E, talvez por ser tão radical, não quis também adiantar a sua identidade. Mesmo das bombas?

— Lamento profundamente reconhecer que este país em seres humanos não vale nada. Politicamente, está falido. Os homens só correm atrás do dinheiro e tudo está pôdre. Mas acredito na força e confiança dos muitos que,

Assim se expressou o senhor Domingos, «espinhense» de Santo Tirso.

— Não, eu não contava com isto. Mas em parte até é positivo pois assim isto contribuiu para que as pessoas raciocinem em termos mais frios e analisem as coisas com mais justiça e verdade. É só...

E não é pouco, pensamos, ao recolher esta opinião de uma senhora que entrevistámos junto ao café «Esquímó».

— Não, nunca esperei que fossem essas pessoas.

Mas está mal, está mal...

Não, não tenho nada mais a dizer. Não estou muito dentro do problema.

A Maria da Conceição, embora pouco «dentro do problema», sabia que está mal. Já o Fernando Marques foi mais explícito:

— Acho muito bem que os nomes tenham sido divulgados e só espero que se ainda mais houver a descobrir que isso seja feito brevemente. Como vimos, dois deles até eram responsáveis da P.S.P. e isto só veio confirmar aquilo que estava comprovado na prática e que era a actuação da polícia face a problemas com os trabalhadores e as entidades patronais e a sua parcialidade com as últimas.

Bombas. Atentados. Violência até aqui praticamente impune.

Ir-lhe-à ser dado um combate sério?

S. Paio de Oleiros

Festas de

N.º S.º da Saúde

(De 21 a 28 de Agosto)

Multiforme e aliciente parece ser uma vez mais o programa destas festividades, cuja realização a tradição exige, tendo encontrado, até ao presente, incansáveis comissões e o carinho de muitos oleirenses.

O seu ponto cuminal será o da procissão de Domingo (dia 22), após a missa acompanhada pela Tuna Musical de S. Paio de Oleiros, muito embora outros antepõem ao religioso e profano, tendo também desta vez muitos atractivos a solicitá-los.

A música impera sob diversos aspectos: as Bandas de Pevidém e a Marcial de Gueifães da Maia (dia 21), a de Vale de Cambra e da G. N. R. do Porto (dia 22), os Ranchos Folclóricos «Como Cantam e Dançam em Paços de Brandão» e «Morenitas do Torrão do Lameiro» de Ovar (dia 21); o Fado, com Alberto Ribeiro, Fernando Farinha, Florência Rodrigues, etc. (dia 22) e os Conjuntos «Bossa Nova» e «Perús da Bairrada» (dia 23).

Ao desporto, predominantemente ao ciclismo, será também dado lugar e este ano, como inovação digna de aplauso, no sábado seguinte, dia 28.

Foguetes não irão faltar com certeza, como também não faltarão protestos e indignação contra os habituais excessos pirotécnicos.

MOREIRA DA COSTA

CIRURGIA GERAL
E VASCULAR

Rua 20 n.º 520.1.º — Telef. 921014

PINTO DE MATOS

Médico Especialista ex-Assistente dos Serviços de Ortopedia das Universidades de Lausane e Edimburgo

Fracturas e Doenças dos Ossos
e Articulações

Rua 19 n.º 364.1.º — Telef. 921218

ESPINHO

Nós e o leitor

Senhor Director

Foi no sábado passado, dia 17, acordei pelas 1,30 horas e nunca mais preguei olho. É que a uns escassos metros de minha casa se realizava um festival Rock para fazer adormecer ceta «clientela». Nada tenho contra o «remédio» dos seres humanos que dele precisam mas essa música e a essa hora não era «cura» para quem precisava do justo descanso. E saiba que nas imediações da Tourada habita muita gente que foi por isso afectada.

Estranhando isso a essa hora telefonei à polícia (4 h.) e volvidos instantes minha mulher fez igual solicito, o agente de serviço na esquadra informou que o «festival» se realizava legalmente.

Manifestei a minha perplexidade e como passados 45 minutos o ruído não terminasse dirigi-me ao guarda em serviço na tourada e manifestei desejo de falar ao superior que comandava uma equipa de agentes, o que não foi possível. O agente lamentando o «devenção» e a «necessidade» de certa camada disse-me que na verdade havia autorização.

Neste instante tudo termina e eu fico pensando como poderá ser possível que alguém tenha poderes para lesar tanta gente.

Mas, apesar de tudo, houve benefício para alguém.

Bem gostaria, amigo, que as autoridades administrativas esclarecessem qual a lei em que se apoiaram para dar essas facilidades.

Mesmo que haja um meio legal será bom não voltarem a ceder dessa maneira e as pessoas, por isso, possam ver a sua saúde defendida pelas autoridades, que receberão, em troca, a nossa amizade.

Manuel Braga Rodrigues Costa

"Vida por vida"

Existe em Espinho, desde 1971, um posto do Instituto de Socorros a Náufragos (I.S.N.), posto esse com ligação aos Bombeiros Voluntários de Espinho. Dos cursos de nadadores salvadores realizados em 1971, 73, 74 e 76, saíram um bom punhado de jovens que, paralelamente à sua actividade profissional, despendem umas horas ao fim-de-semana na luta vigilante de socorrer os banhistas mais desatentos. Do lema «vida por vida» que os nadadores ostentam, podemos deduzir o quanto de humano é o trabalho daqueles que se preocupam em jogar a sua própria vida pela vida dos outros.

Os nadadores em activo, do I.S.N. de Espinho são, neste momento, cerca de 15, mas os que mais directamente estão ligados ao Instituto lamentam que mais jovens não haja interessados nos cursos e que o número de nadadores salvadores não aumente, possibilitando assim uma melhor assistência nas praias.

Para já, os nadadores do I.S.N. contam com algum material de apoio, como um barco pneumático,

bóias e rádios mas, apesar de tudo, o material escasseia. Lamenta-se a falta de mais rádios e de outro tipo de material que possa servir para uma maior eficiência nos salvamentos.

Ouvimos o chefe Gomes da Costa, dos B. V. E., pessoa que desde há muito se encontra à frente do I.S.N. Foi-nos posto o problema da falta de material e ao mesmo tempo da falta de compreensão, por parte de alguns banhistas, que não reconhecem no trabalho voluntário e desinteressado dos jovens nadadores um trabalho em prol e pela vida das outras pessoas. Focou-nos seus nadadores fez, em 1975, cerca também o chefe Gomes da Costa a acção do I.S.N., que através dos de 20 salvamentos, evitando, na maioria deles, a morte de pessoas. A uma pergunta nossa de como funciona o trabalho do Instituto, foi-nos respondido que, e visto serem os nadadores na sua grande maioria jovens que trabalham, o serviço é feito aos fins-de-semana (quando as praias são mais frequentadas) e essencialmente nas praias

não vigiadas. Paralelamente a isso, deveria manter-se rádios noutras praias para que, numa emergência, pudessem apelar para o apoio do barco pneumático, que mais facilmente poderia socorrer os sinistrados.

Muito mais nos foi dito, mas do que transcrevemos poderemos desde já concluir duas verdades que nos parecem por demais evidentes: a falta de material necessário a um trabalho deste tipo e a incompreensão por parte de certos banhistas do esforço despendido em prol dum bem comum.

Que se reflita e se compreenda através de um apoio constante o problema do Instituto de Socorros a Náufragos e dos seus nadadores salvadores pois que, como disse um nadador: «em 75 jogamos VIDA POR VIDA e ninguém morreu nas praias de Espinho».

Pinturarte

Armando Alves Ribeiro

Tecnicamente especializado em todo o género de Pintura Artística
Rua 18 N.º 943 — Telef. 921412 — ESPINHO

Móveis — Espelhos e Molduras
— em todos os estilos —
Candeeiros — Louças — Cristais
— Alcatifas — Electrodomésticos, etc. —

Empresa Gráfica de Seixezelo

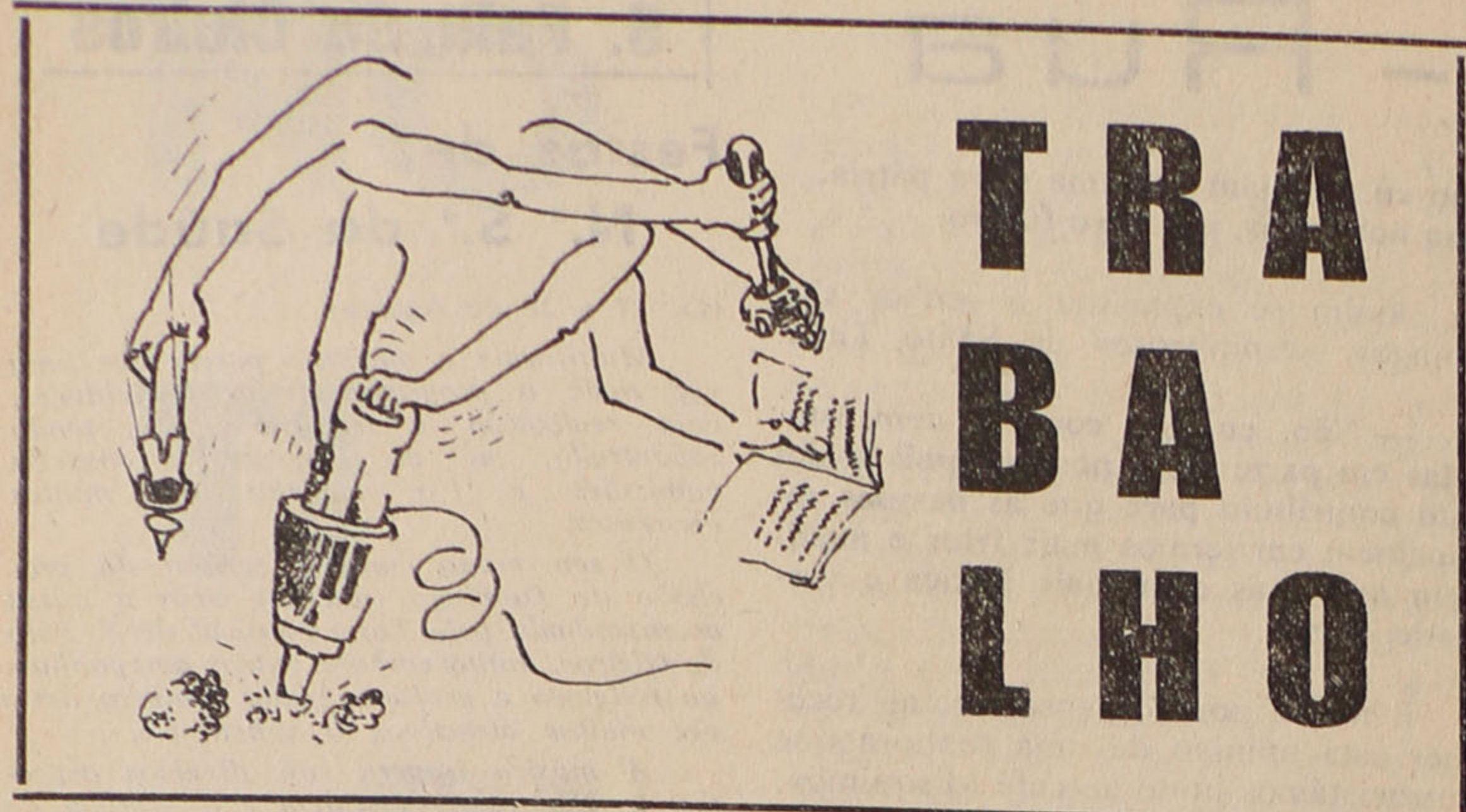
DE

Cardoso & Valentim, Lda.

APARTADO 13

SEIXEZELO

ARGONCILHE



Constituição e Trabalho

Notas sindicais

Tapeteiros

Uma delegação de representantes do Sindicato dos Tapeteiros de Aveiro deslocou-se a Lisboa na passada semana. Objectivo: tratar assuntos referentes aos casos «Luís da Loura» e «Pereira Alves», que temos tratado desenvolvidamente no nosso jornal.

Segundo informações do Sindicato, a delegação foi recebida pelo Chefe de Gabinete do Presidente da República, tendo este transmitido para o Ministério do Trabalho e Ministério da Indústria e Tecnologia a incumbência de procederem a um inquérito económico. Espera-se que disto saia algum avanço na situação actual das duas empresas.

Profissionais de Farmácia

Segundo notícia publicada na semana passada nos jornais diários, a Direcção do Sindicato dos Profissionais de Farmácia anunciou a entrada dos trabalhadores do ramo em greve total a partir do dia 18. Tal atitude é a consequência do não acordo do respectivo Contrato Colectivo, que se encontra em discussão há já 16 meses. Os trabalhadores fizeram já várias cedências, mas actualmente predispõem-se a não ceder nos dois pontos que opõem directamente trabalhadores e entidade patronal: a questão dos quadros de densidade e as horas extraordinárias. Para salvaguardar a assistência às populações, nos locais onde tal necessidade se faça sentir, a Direcção Sindical adiantou que os trabalhadores asse-

Podemos ainda informar os nossos leitores, especialmente os trabalhadores do sector, de que está em preparação uma Assembleia Geral do Sindicato, para tratar assuntos vários.

Corticeiros

Num breve contacto com o Sindicato dos Corticeiros fomos informados de que os conflitos de trabalho que temos noticiado nesse sector, se encontram resolvidos de momento. Quanto à questão do pagamento do subsídio de férias, os patrões terão optado pela sua liquidação após os trabalhadores retomarem o trabalho, a seguir às férias.

gurarão o funcionamento das farmácias, mas fazendo um desconto de 20% nos medicamentos vendidos.

Numa tentativa de saber o que se passa e passará em Espinho, «Maré Viva» contactou o sr. Abílio de Almeida, delegado sindical e trabalhador da Farmácia Teixeira.

— No meu entender — adiantou-nos — os trabalhadores profissionais de Farmácia do concelho de Espinho, devem entrar em greve, pois esta é usada como forma de luta e assim deve ser encarada. Apesar de tudo, a realização ou não da greve no concelho, estará dependente de uma reunião que efectuaremos com todos os profissionais do concelho, um ou dois dias antes

Os Sindicatos são o resultado de um esforço de Unificação e Organização das classes trabalhadoras, com o objectivo de, no interior da Sociedade Capitalista, defender os seus interesses. Mas é evidente que um Sindicato não representa os trabalhadores apenas porque diz representá-los. Um Sindicato, para ser efectivamente representativo, deve ter como objectivos de acção os que dizem respeito aos problemas concretos desses trabalhadores.

A luta sindical tem de se integrar na luta política global dos trabalhadores contra a exploração e a opressão. A luta sindical tem que ter como objectivos:

- a) Aumentar a unidade de todos os trabalhadores.
- b) Elevar o nível de consciência de classe, que leve à compreensão que a luta não é só de uma fábrica ou sector, mas sim de toda a classe trabalhadora contra o capitalismo explorador.
- c) Elevar o nível de organização de todos os trabalhadores.
- d) Conquistar melhores condições de vida, nomeadamente através de melhores salários e melhoria de regalias de carácter social.

Algumas dúvidas são lançadas sobre a actividade política dos Sindicatos. Quanto a nós, os Sindicatos têm de ser políticos (e ao dizermos políticos não confundir com partidários, isto não negando que os militantes dos Partidos devam participar activamente na vida dos seus Sindicatos), porque os mesmos devem ser um instrumento de luta contra o capitalismo, tendo em vista a conquista do poder político pelos trabalhadores.

Serve-nos esta pequena teoriza-

da data marcada para o início da greve, e onde a nossa decisão será tomada.

Teremos greve ou não? «Maré Viva» acompanhará o decorrer do processo.

ção sobre o nosso entendimento no que se refere aos Sindicatos, para continuarmos a analisar alguns capítulos da Constituição da República, nomeadamente os que se referem à Liberdade Sindical.

Todos sabemos que, durante quase meio século, os trabalhadores lutaram contra o Governo fascista, pela liberdade sindical, pelo que logo nos primeiros dias após 25 de Abril os trabalhadores avançaram à conquista dos direitos por que tinham lutado durante esses anos.

A Constituição da República consagrou essas conquistas, garantindo:

- A liberdade de constituir os seus Sindicatos, devendo os mesmos reger-se por princípios da organização e da gestão democrática.
- A liberdade de exercício da actividade sindical nas empresas.
- A independência dos Sindicatos em relação ao Patronato, Estado, Confissões religiosas e aos Partidos.
- É garantido ainda aos Sindicatos, o direito de participarem na elaboração da legislação sindical.
- Participação na Gestão das instituições de Segurança Social.
- Participação no Controlo da execução dos Planos económico-sociais.

— É garantido aos Sindicatos o exercício do direito de Contratação Colectiva.

— É garantido aos trabalhadores o direito à greve, competindo aos mesmos o direito de definirem sem quaisquer limitações o âmbito de interesses a defender, sendo proibido às Empresas fazerem «lock-out».

Todos estes direitos consagrados na Lei Geral do País — a Constituição — exigem de todos nós a defesa dos mesmos.

Ler a Constituição, discuti-la nas Empresas e exigir a sua aplicação defenderá os direitos dos trabalhadores, contribuindo para uma sociedade melhor.

ANALFABETISMO: UM MAL INEVITÁVEL?

...E a «tiazinha», xaile preto sobre os ombros, era alvo escolhido pelo sol que oferecia engraçados e sugestivos coloridos reflectidos do pequeno tabuleiro, cheio de caramelos e outras gulodices, que era uma **consumição** para as mães da pequenada lá do sítio.

«M. V.» — Boa tarde, a senhora quer-nos dizer umas palavrinhas? Queríamos apenas saber se a senhora sabe ler e escrever...

— Não sei, não senhor. Olhe, mas quer ver? É um risquinho e já está...

«M. V.» — A senhora não andou na escola?

— Andei na escola mas ó depois era naquele tempo e depois não fui mais porque naquele ano houve muito «tife». Faz-me falta, faz, mas o que faz falta é avisar a malta... Eu? Aprender a ler agora depois de velha?! Quero é ir para a cama!...

«Ai se eu soubesse ler!»
Muitos se lamentam assim e é forte a percentagem de analfabetos no País. Situação esta criada pelo regime fascista que, interessado na ignorância do

«Zé» para dele melhor se aproveitar, ainda hoje se observa com todas as suas consequências.

Tratamos, hoje, do problema em relação à Mulher, parte maioritária da população, e a sua situação é ainda pior, visto ser objecto da discriminação HO-MEM-MULHER, outro veículo de exploração e que é, ainda hoje, exemplo vivo em qualquer parte.

Recolhemos dados, inquirimos. Nos extremos da cidade, bairros pobres que abrigam os pescadores e os operários, a percentagem de mulheres que aí vivem e não sabem ler é de 90%. Poucas têm profissão, pois em consequência da sua situação de analfabetas não tiveram acesso às fábricas ou a outros empregos.

Naquelas faces de traços rudes e batidas pelo sol há uma tristeza por algo que não conheceram e que tanta falta lhes faz, mesmo elas dizem.

Ouçam-se algumas opiniões:

— Ler, ainda leio alguma coisita mas, mais de resto no que diz respeito a tinta já não sei nada. E gostava... Gostava até de ainda aprender a escrever uma carta e ler outra, mas não há possibilidades aqui dentro deste meio pequenino.

Não aprendi a ler porque naquele tempo a gente andava era nos pinhais às pinhas, à lenha, para arranjar de comer e mal... e mal! Queríamos pão e não tínhamos, de maneira que a minha falecida avó nem na escola nos pôs. As mulheres daqui são, a maior parte, analfabetas, analfabetas em tudo... Ainda agora gostava de aprender, nem que fosse mesmo só para escrever uma carta e ler outra. Se houvesse agora qualquer coisa para a gente aprender eu ainda ia.

— Eu ler, pouca coisa sei e escrever é só assinar o meu nome. Andei na escola até à segunda classe porque fiquei sem mãe e tive que ir viver com uns avós muito pobres e ir trabalhar. É uma coisa que faz falta e se viesse para cá um curso eu talvez fosse, depende das horas e do tempo que eu tivesse...

Nas paredes e muros da cidade liam-se cartazes anunciando campanhas de alfabetização assinadas pelo «Movimento Alfa».

Que tentativas, que programas de trabalho a desenvolver aqui na zona? O que é o «Movimento Alfa»?

M. A. — O M.A. é um movimento

unitário que visa organizar os estudantes contra o analfabetismo. Como objectivo pretende-se mostrar ao povo português que o analfabetismo poderá acabar se o Governo adoptar as medidas convenientes.

Pretende-se, também, fazer com que os estudantes se apercebam da realidade do nosso país, conhecimento este contrário ao adquirido pelo tipo de ensino vigente nas escolas, teoricista e desligado da prática.

O trabalho do M.A. está dividido em duas fases fundamentais; uma primeira correspondente ao mês de Agosto e Setembro em que haverá alfabetização em três zonas, Norte, Centro e Sul. A nós, cá em Espinho, cabe-nos o Norte, Viana do Castelo. A segunda fase será efectuada localmente, cabendo-nos cobrir as zonas do concelho onde a taxa de analfabetismo é maior. Tencionamos avançar com trabalho a partir de Setembro, na Marinha de Silvalde e no Rio Largo. Para isso tencionamos pedir apoio à F.A.O.J. e às comissões de moradores locais.

O critério de escolha das zonas baseou-se, além da taxa de analfabetismo, na aceitação por parte da população de uma iniciativa destas.

A OUTRA FACE DA CIDADE

Uma zona incómoda, para quem pretender definir Espinho como um conjunto de delícias turísticas e ignorar que paralelamente às luxuosas moradias se contrapõem bairros sem as condições mínimas de habitação, aos bares de primeira classe tascos acanhados onde se bebe um impuro «tinto» em vez dum sofisticado «whisky», às esplanadas dos cafés, amontoados de passeios, amontoados de terra, de sujidade.

O Bairro Piscatório constitui um mundo à parte, dentro desta nossa cidade. Daí que possa chocar o contraste entre o queimar dos tempos livres, à mesa do café, frente a um fumegante bule de chá e umas louras torradas, e o gastar de algumas horas, aproveitando uma neçga de sol, sentados na terra, em pequenos grupos, discutindo calorosamente os problemas do seu dia-a-dia.

Chafurdando na poeira dos passeios, inventando a diversão num bocado de madeira ou num pedaço de vidro, as crianças vão percorrendo um caminho, sem bicicletas, bolas coloridas ou formosas bonecas, desafiando um sorriso perante sonhos destruídos, fatalidades acatadas. As mulheres de todas as idades, remendando a roupa, descascando as batatas, dormitando ou recordando tempos idos, percorrem um caminho, à mistura de protestos abafados, de esperanças destruídas como castelos de cartas.

E, apesar de algo se ter começado a fazer para melhorar as condições de vida deste aglomerado habitacional, dá-se conta do contraste existente entre a estrada calçetada e no lugar de passeios, a terra, a sujidade, onde as pessoas se sentam, as crianças brincam.

Uma solução que urge, no meio de tantas outras que esta «outra face da cidade» necessita.



URBANISMO

O particular e o colectivo

Concluimos neste número a publicação da entrevista que fizemos aos senhores arquitecto Marques Aguiar (M. A.) e engenheiro Pinto Correia (P. C.), na sua qualidade de pessoas ligadas, como mais directamente responsáveis, aos problemas do urbanismo de Espinho. Supomos ter contribuído para um maior esclarecimento do assunto, e muito nos agradaria verificar que esta nossa abordagem pudesse ser o ponto de partida para uma discussão generalizada, de que «Maré Viva» poderia ser espelho nas suas páginas. Aqui fica o convite ao leitor, exerça o direito que lhe damos. Os assuntos da vida local devem ser por todos discutidos, não com má-fé e desejo escondido de destruir, mas com a abertura de quem exerce o seu inegável direito de cidadania.

Condições para arranque na construção

«M. V.» — Se é certo que há áreas em que, por princípio, não é permitido edificar, não restam dúvidas de que há ainda uma vasta área a utilizar na construção. Não é assim?

M. A. — Sim, podemos afirmar que temos ainda muito espaço disponível para construir em condições aceitáveis. Aliás Espinho apresenta umas condições excepcionais em comparação com a maior parte das nossas cidades. E são essas condições, boas redes de saneamento e abastecimento de água por exemplo, que procuramos aproveitar ao irmos avançando com a construção por zonas o mais possível próximas donde já existem estas infra-estruturas. Por outro lado, se admitíssemos que uma urbanização se faz aqui e outra acolá, isso levar-nos-ia a ter de deixar partes sem saneamento, sem condições nenhuma, e acabavam por se formar várias Brandoas, como em Lisboa.

Seja como for, temos leis suficientes que nos permitem avançar. Quer-me parecer que aqui também conta muito o estado de espírito. Se as pessoas quiserem fazer qualquer coisa podem dispôr de instrumentos de actuação. Mas não basta que haja

leis. É preciso estar interessado em dar satisfação aos interesses globais da comunidade.

«M. V.» — Parece, pois, poder concluir-se de um certo impasse provocado, por um lado, pela falta da iniciativa privada e, por outro, pela iniciativa camarária, que não tem sido a mais efectiva. De forma que ou a iniciativa privada corresponde às necessidades ou se equipam as Câmaras com o que lhes falta, impôr-lhes uma acção prática.

M. A. — Aproveitando a sua expressão, eu suponho que há, de facto, necessidade de um bocadinho de imposição. Suponhamos que as Câmaras seriam obrigadas a utilizar parte do seu orçamento em expropriações. E então expropriavam mesmo. Assim se evitará chegar às Câmaras, à procura de terrenos para construir casas de renda económica, e descobrir que não dispõem de nada. Se as Câmaras não adquirirem regularmente algum terreno, acabam por nunca ter nada. Cá na Repartição sentimos tanto estes problemas que ao fazer um estudo quase partimos convencidos de que o seu destino vai ser a gaveta.

«M. V.» — É claro que há sempre que pensar nas verbas disponíveis, que quase sempre escasseiam...

M. A. — Esse não parece o problema principal. Ainda há pouco a Direcção-Geral de Urbanização oficiou às Câmaras, per-

e a feira?

Sabe-se que uma das ideias básicas ao elaborar-se o plano director da urbanização de Espinho foi a de que o caminho de ferro veria as suas actuais instalações transferidas para a zona da feira, embora em data muito incerta. E a pergunta surge imediata: então, e que vai acontecer à feira?

Pois a feira vai continuar na zona onde agora existe e poderá até expandir-se, se para tanto ainda houver espaço. Se calhar ficará ali ainda durante muitos anos, tanto mais que até agora ninguém definiu, realmente, qual vai ser a solução para o caminho de ferro. Quando se falou na nova variante em trincheira, os serviços de urbanização propuseram que se criasse uma zona coberta, tipo túnel, podendo até sobre essa zona ser construída a futura estação rodoviária, com as vantagens que são evidentes. Entretanto ainda nada aconteceu.

Mas se um dia acontecer, que vai ser da feira? Pois será transplantada, há já um terreno que lhe estará reservado na prevista zona verde, em Sales.

Portanto, a existência dessa romagem semanal ao «mercado do povo» de Espinho continua assegurada.

guntando de que verbas necessitam para adquirir terrenos, com um apoio de dinheiro a fundo perdido. E eu sei de Câmaras que nem responderam a esse ofício!

P. C. — Este ofício é para contribuir para facilitar o arranque, pois através dele a Direcção-Geral de Urbanização propõe-se apoiar a aquisição de «terrenos que estejam integrados nos aglomerados existentes e naturais expansões, tanto quanto possível próximos ou já servidos de vias, que não constituam terrenos de capacidade agrícola a respeitar e que sejam de custo tão reduzido quanto possível».

Arranha-céus e especulação

«M. V.» — Uma outra questão que provoca algumas críticas, talvez por até nem estar esclarecida, é o problema de, aparentemente, não se poder construir casas com mais de três andares. Quais são as razões?

M. A. — Há, no meio de tudo isto, um aspecto que é a valorização fictícia dos terrenos. Há muita gente que quer que o seu terreno esteja previsto para um arranha-céus, e depois não constrói arranha-céus nenhum. O que depois pode é vender o terreno com o valor que teria se lá construíssem o dito arranha-céus. Em muitos casos que se solicita autorização para construir casas com muitos andares, é só por isto. Portanto, isto é mais um problema de especulação com os terrenos. Mas isso não quer dizer que, por razões de aproveitamento, de aumento da densidade, certos planos da Câmara não tenham edifícios em altura. Na zona junto ao Liceu, por exemplo, estão previstos edifícios com 7 e 9 andares.

Por outro lado, muitas das casas que existem ao longo destas ruas têm uma altura mais ou menos proporcional à largura da rua e proporcional à distância que vai da sua fachada posterior ao vizinho. No dia em que se começa a autorizar alturas por aí acima é evidente que as traseiras passam a ser um saquão. Além disso, há um carácter urbano que interessa manter e de que se deve tirar partido. A arquitectura tradicional nas partes mais antigas deve ser preservada, enveredando-se por uma arquitectura moderna em zonas novas. Meter uma «fatia» de 3 andares e 2 empenas no meio de outros prédios mais antigos acaba por destruir a estética urbana de qualquer cidade. E afinal não tem nenhum interesse para as outras pessoas que o dono do prédio tenha feito três andares. Claro que ele virá com o argumento de que vem acudir ao problema do alojamento e da falta de postos de trabalho. Mas isso é uma conversa que já entrou absolutamente na especulação. Não é isso que os move. Mas também é um facto que no decorrer dos tempos as pressões são de tal ordem que a gente nem sempre consegue aguentar como deveria ser, cá na Repartição.

Zonas Verdes

«M. V.» — Uma questão que ganha cada vez maior importância na definição das estruturas urbanas das cidades, embora as populações por vezes não sintam ainda o problema como seu, é a defesa e criação de zonas verdes, até porque as ameaças ao equilíbrio ecológico se fazem sentir em vastas zonas de todos os países. A

escala de Espinho, o que é que se oferece dizer a este respeito?

M. A. — Quanto a isso há duas escalas a ter em atenção. Há a zona verde que interessa criar e defender próximo às habitações, aos quarteirões, e a zona mais vasta, que pode ser já mais distante. Cá em Espinho será a zona de Sales.

P. C. — Essa zona começa, aliás, a ser ameaçada. Estamos em riscos de a perder.

«M. V.» — Mas porquê, querem construir lá?

P. C. — Exacto. E os terrenos ainda são propriedade dos próprios.

M. A. — Entretanto, se a Câmara quiser, pode impedir a construção. Mas isso não invalida que possa surgir a construção clandestina. De qualquer forma, a população não pode ainda usufruir das possibilidades que a zona de Sales oferece porque o (futuro) parque (não) foi ainda estudado. Seria preciso adquirir o terreno e fazer o seu estudo.

Mas voltando às duas escalas que referi há pouco: há uma escala global de parque da cidade que passa pela preservação das dunas e da zona do golfe, pela preservação do espaço Espinho-Granja para dar possibilidades ao turismo de massas. Mas, paralelamente, há um problema de escala local, que é o caso das pessoas precisarem de pequenas zonas verdes junto das suas residências, já que não podem ir sempre para uma zona de parque mais distante. Daí que em todas as urbanizações procuramos criar um «pulmãozinho». Quer isto dizer, que estamos preocupados simultaneamente com a criação de espaços verdes para o fim-de-semana e zonas para o dia-a-dia, para as crianças brincarem, por exemplo. E podemos adiantar que nos nossos planos de urbanização já elaborados há, em muitos deles, um efectivo aproveitamento para zonas verdes à escala local.

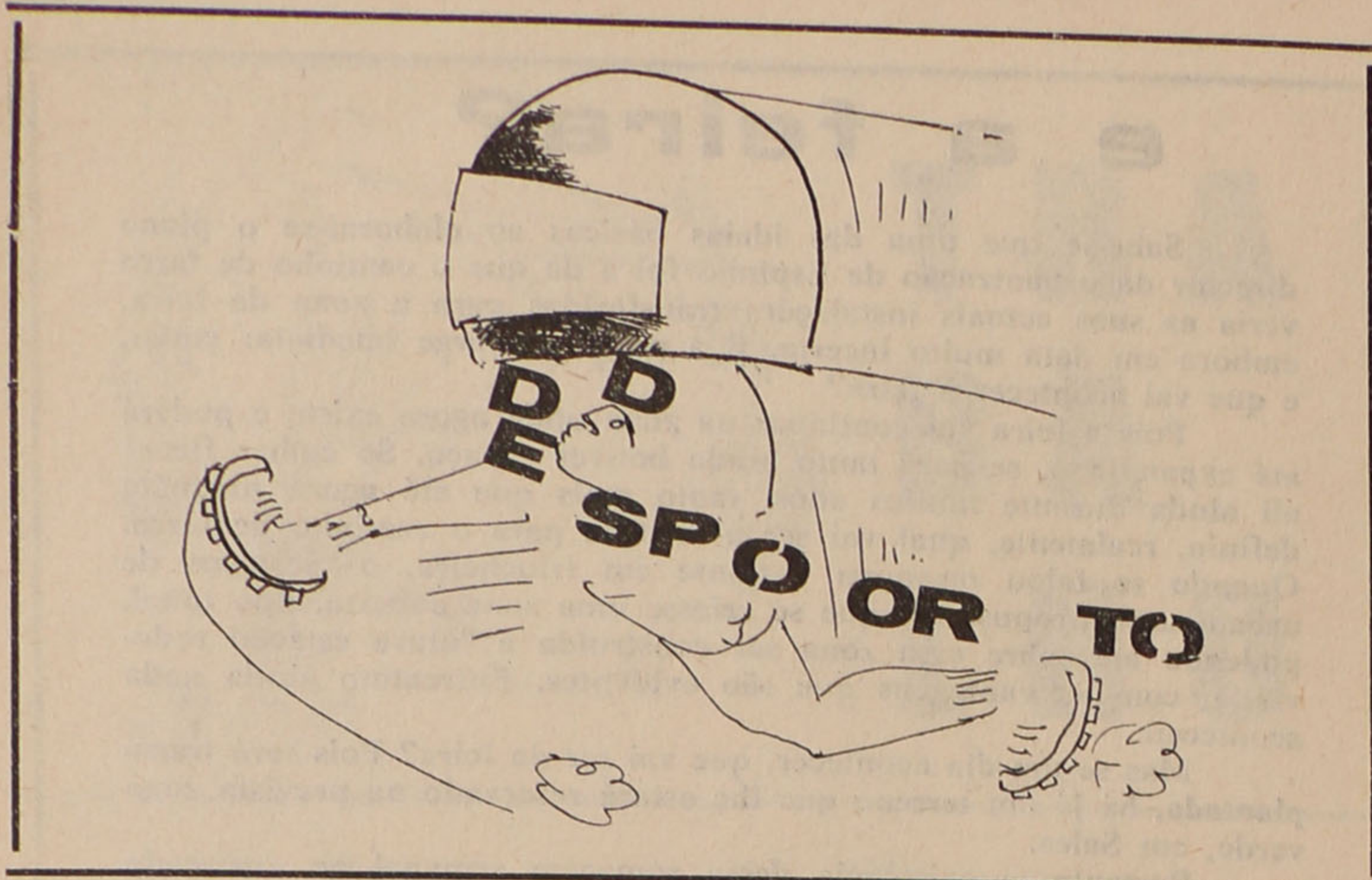
Novas Estradas

«M. V.» — Finalmente, e a terminar esta já longa conversa, o que não quer dizer que seja exaustiva, gostaríamos de ouvir algumas ideias sobre as perspectivas de urbanização que se abrem com a extensão da Rua 19 até ao Picoto e a nova variante da Estrada 109.

P. C. — Essas vias são indispensáveis e até por isso é necessário defendê-las. Mas é preciso dizer que a abertura dessas vias não vai implicar a construção de casas ao longo delas. Há que garantir em redor da via uma zona em que não se possa edificar. A ideia habitual de que ao abrir-se uma estrada se vão depois construir casas nas margens é errada. Se isso se permitir, em pouco tempo essas vias estarão transformadas em simples ruas e acabam-se as vantagens para o trânsito.

M. A. — É mau do ponto de vista rodoviário, e péssimo no que se refere à organização social das pessoas porque ficam dependuradas em cima das estradas, com todos os perigos. Mas fazer restrições à construção na Estrada 109 não quer dizer que não se vá construir nada, o que é, há que construir com o máximo das garantias para quem for lá viver. Por isso, os quarteirões que vierem a surgir próximo da Estrada 109 terão a sua vida virada para o interior e não para a estrada.

«M. V.» — Isso é que nem sempre é explicado e as pessoas por vezes contestam quando o seu interesse é que está a ser preservado, embora o ignorem.



VOLTA A PORTUGAL EM MINIATURA

Momentos de extraordinária alegria viveu Espinho durante a realização da Volta a Portugal em miniatura, este ano na sua 16.ª edição. Participaram 254 concorrentes, com idades compreendidas entre os 6 e os 14 anos, provenientes dos mais diversos pontos do País, desde Mirandela à Cova da Piedade, o que demonstra bem a projecção que esta mini-volta já atingiu. Foi director da corrida o consagrado Alves Barbosa. A organização teve algumas falhas (todos eram amadores), o que não impede de felicitar-mos o trabalho desenvolvido pela Comissão de Festas de Espinho e Fábrica de Malhas Artirene que patrocinaram esta grande festa infantil. De salientar que na prova de estrada tentou-se o mais possível imitar a volta dos «adultos», incluindo batedores, carros de apoio, mecânico, médico, enfermeiro, carro vassoura, R.T.P., etc.

No sábado realizaram-se no circuito as provas para as idades compreendidas entre

6 e 12 anos e as eliminatórias para os de 13 e 14 para apurar os 10 primeiros de cada série para a prova de estrada. No domingo, realizou-se então a prova de estrada num total de 12 Km, incluindo uma contagem do «prémio da montanha».

CLASSIFICAÇÕES:

6 anos — Luis Pinto (Mirandela); 7 anos — José Duarte (Castelo da Maia); 8 anos — Rui Ribeiro (Cova da Piedade); 9 anos — António Santos (Gulpilhares); 10 anos — Joaquim Almeida (S. Félix da Marinha); 11 anos — Joaquim Pinto (Gulpilhares); 12 anos — António Santiago (S. Félix da Marinha); 13 anos — Fernando Carvalho (S. Félix da Marinha); 14 anos — António Pires (Águeda); Montanha — António Pires, Geral Individual — António Pires Equipas — UCAL (Águeda).

SABIA QUE...

Começa a disputar-se dentro de dias o 3.º Torneio de Verão de Voleibol, organizado pela secção da A.A.E. Este ano o mesmo terá dois escalões, sendo o «A» para jovens dos 10 aos 14 anos, e o «B» para os de 15 a 17 anos. Os jogos efectuar-se-ão no Pavilhão Arq.º Jerónimo Reis e as arbitragens estarão a cargo de atletas do clube.

★

Na próxima terça-feira chegam a Espinho os «Ases» do ciclismo. Esta cidade será a final da etapa que tem início em Vila do Conde, partindo a caravana no dia seguinte para Oliveira de Frades. O dia de descanso, inicialmente marcado para Espinho, foi transferido para Vila do Conde.

★

A comissão conjunta de angariação de fundos da A.A.E./S.C.E. leva a efeito, no próximo sábado, dia 21, pelas 22 horas, no Salão Nobre do Grande Casino de Espinho, o tradicional concurso do fato de banho. As inscrições podem ser feitas todos os dias no posto de Turismo. Por sua vez as reservas de mesa poderão ser feitas no escritório do Casino.

★

Começaram os treinos, com vista à próxima época, das voleibolistas da A.A.E. Todas as interessadas deverão dirigir-se ao pavilhão todos os dias, depois das 18 horas, onde lhes serão dadas as informações desejadas.

Maria José Simões que durante vários anos foi capitã dos «tigres», foi vista a treinar na equipa da Académica. Será uma transferência à vista?

★

A secção de Basquetebol da A.A.E. está a programar em Espinho, durante o Verão, um torneio com a participação da Ovarense, F. C. do Porto e Sangalhos, para apresentação da sua equipa sénior.

★

Segundo o programa da F.P.V. (ou do sr. Vieira Monteiro?) as secções de voleibol das colectividades de Espinho deixam de receber qualquer subsídio daquele organismo, por receberem subsídios oficiais (do Casino!) e por o S.C.E. ter profissionais no futebol. No entanto o F. C. do Porto continua a ter direito a subsídios! Parece mesmo que o 25 de Abril ainda não chegou ao Voleibol.

★

A equipa de ciclismo do Benfica deverá ser a única do Sul a estar presente no próximo circuito a Espinho que se realiza no dia 4 de Setembro. As negociações entre a A.C.A. e aquele clube encontram-se em boa fase, sendo quase certa a sua participação.

★

Abrem no dia 11 de Setembro as escolas de patinagem da Académica sob a orientação de Alfredo Azevedo e Vladimiro Brandão.

A política desportiva arrancou nas escolas primárias

Publicamos hoje uma curta entrevista com Melo de Carvalho, programada já há vários números mas para a qual só neste número dispusemos de espaço.

Numa altura em que se verificava a mudança de responsáveis, um pequeno balanço poderá ajudar a perspectivar melhor o que tem sido a actividade da D. G. Desportos.

Qual é, por agora, a opção desportiva nacional?

A massificação, tão apregoada nos últimos tempos do regime marcelista não é, sequer, um sonho que se possa ter, como reconhece o actual director-geral dos Desportos, Melo de Carvalho, ao afirmar-nos:

«Os meios económicos e técnicos de que dispomos são absolutamente incompatíveis com tal aspiração e, de facto, a sua realização depende, antes de tudo, da própria evolução futura do processo social português.»

Assim, a política desportiva defendida pela Direcção-Geral dos Desportos, limita-se a uma tentativa de resposta às necessidades mais urgentes.

Arrancar com as crianças é a luta a travar de imediato. Basta considerar que, segundo o último censo (1970), a população com idade inferior a 14 anos (2.451.860 habitantes) representava quase trinta por cento do total nacional, número certamente já ultrapassado. Daí que o MODI — Movimento do Desporto Infantil seja um dos mais absorventes campos de acção da D.G.D.

O MODI centra-se nas crianças do ensino primário, apoiando-se na participação voluntária dos pais, educadores e outros animadores. Neste momento, o MODI já movimenta mais de quatrocentas mil crianças.

CONSCIÊNCIA TRANQUILA, MAS NÃO EUFÓRICO

É de louvar o esforço feito para «descolonizar» a criança, mas não deixa de vir à baila um fantasma: até que ponto não será prejudicial a prática desportiva por crianças que, em vez de bifés, comem, quando comem, açordas e que, ao médico, só foram se sofreram algum grave acidente, coisa que não foi possível resolver com o «endireita» ou as mezinhas caseiras. O director-geral dos Desportos argumenta: «É indispensável que se veja que a actividade motora, de vincadas características educativas e culturais é em si mesma, um alimento como qualquer outro, de que a criança e o jovem precisam.»

Melo de Carvalho considera até cari-

cato que se fale na falta de assistência médica, «esquecendo que submetem a criança e o adolescente a agressões bem mais graves: nas escolas, horas e horas em imobilidade quase total, e nas fábricas, onde muitos trabalhadores têm menos de 14 anos.»

Precisamente, tendo em conta que não há, nem dinheiro, nem estruturas para avançar na divulgação da prática desportiva, a D.G.D. dispôs-se a ultrapassar o vazio, lançando o M.V.D. — Movimento Voluntário Desportivo, neste momento, já com alguns milhares de colaboradores espalhados pelo País, empenhados em criar condições para generalizar o hábito do desporto, desenvolvendo a sua actividade gratuitamente.

Por outro lado, o desporto federado está também na óptica da D.G.D., que subsidia as diferentes federações de acordo com uma escala de modalidades prioritárias: «É óbvio que, com um orçamento escasso como o nosso, temos de definir, primeiro as modalidades que mais interessa desenvolver no imediato, tendo em conta o meio ambiente e as estruturas existentes» — afirmou Melo de Carvalho.

Na sequência desta política, tencionava a D.G.D. juntar, até ao final do ano, quarenta mil praticantes habituais, aos 183 mil já em actividade, como se explicita.

O director-geral dos Desportos, embora se considere «com a consciência tranquila pela honestidade e empenho sobre-humano» com que a sua equipa se lançou à tarefa de democratizar o desporto, não está, no entanto, eufórico.

E afirma: «Embora ao fim de ano e tal de trabalho na D.G.D., tenhamos já atingido uma fase diferente do que era a D.G.D. e o desporto no passado, não é, efectivamente, no prazo de um ano que se monta uma estrutura de natureza material e humana como aquela que é necessária para transformar o desporto no nosso país.»

Praticantes (actualmente) Praticantes (estimativa p/ Dez. de 1976)

Andebol	12.940	18.000 a 20.000
Atletismo	45.000	50.000
Basquetebol	15.800	18.500
Badminton	9.000	11.000
Ciclismo	800	1.200
Futebol	39.566	60.000
Ginástica	20.000	25.000
Judo	6.000	7.000
Luta	3.500	4.300
Natação	18.000	32.000
Remo	1.900	2.500
Vela	2.140	3.000
Voleibol	5.800	7.000
Raguebi	3.500	4.200
	183.496	225.700

(In «Opção» n.º 6 de 4 de Junho de 1976)

FUTEBOL

ESPINHO, 0 — ESTORIL, 2

Apesar da derrota ficou a esperança

Numa tarde soalheira e com um público em número razoável a emoldurar o recinto, os «tigres» apresentaram a sua nova equipa de futebol, tendo como opositor o primodivisionário Estoril Praia.

E apesar do resultado lhes ser sido desfavorável, os espinhenses mostraram que quando o conjunto estiver mais apurado, poderão obter bons resultados. Para já, mostraram estar fisicamente bem preparados.

Comparando esta equipa com a do ano passado, temos que é na defesa que quanto a nós piorou, uma vez que jogadores da categoria de

Washington ou Amaral, não são facilmente substituíveis. O meio-campo, com a entrada de Vaqueiro e Alemão poderá produzir bastante mais, e vir a ser o sector chave da equipa. Quanto ao ataque, somos da opinião de que Telé faz lá falta, sem com isto pretender negar o valor dos elementos que o compõem.

Neste encontro o Espinho apresentou os seguintes jogadores: Quim (Serrão II); Raul (Ribeirinho), Simplicio (Pinto Ribeiro), Gonçalves e Castanheira; Vaqueiro, Alemão (Gentil) e João Carlos; Serrão I, Reis e Juvenal (Meireles).

ANDEBOL Dr. Gomes de Almeida

Continuação da 1.ª página

Sábado, dia 7, tiveram lugar no Pavilhão do S.C.E. dois encontros de carácter amistoso e simultaneamente de homenagem aos recentes campeões regionais. O primeiro opôs velhas guardas espinhenses, que, apesar da idade, ainda ensaiaram jogadas de certo nível, embora pesasse fortemente a falta de treinos e, portanto, o andebol praticado não poderia, como é óbvio, ser famoso. No entanto, é de salientar a alegria, a aplicação e, sobretudo, o número elevado de comparências que terá sido, sem dúvida, a melhor homenagem prestada. No final, registou-se um empate a 22 golos; isto para que não se estragasse a «festa» deles.

No segundo jogo, o panorama alterou-se. Para além do valor das equipas, existia uma pequena taça em disputa. O Espinho, denotando uma entrega total, conseguiu ganhar vantagem na parte inicial, mas viria a claudicar perante a forte formação portista já na segunda metade do encontro. Apraz-nos registar que o clube da casa em nada ficou a dever ao seu antagonista e, se não fora o cansaço final e, em parte, a arbitragem, teríamos maior equilíbrio, aliás, o que se veriificou quase ao longo de todo o encontro. O resultado final foi de 27-20 a favor do F. C. do Porto que, no entanto, justificou plenamente a taça que arrecadou.

Precedendo o jogo, houve a homenagem protocolar em que o Presidente das Secções Amadoras do Espinho pronunciou algumas palavras de carinho para os campeões, tendo sido entregues medalhas aos mesmos.

AUTO - ESTRADA

(Conclusão da 1.ª pág.)

de arte», tais os malabarismos técnicos que exigem. Comprometeu-se também o mesmo Engenheiro deslocar-se a Grijó, o mais breve possível, a fim de estudar novas soluções técnicas para minorar os prejuízos das populações.

Foi ainda repudiada pela delegação a forma como a empresa «Brisa» tem conduzido as expropriações. Esta posição obteve a aprovação dos dois técnicos presentes, vindo a ser dito por eles que a «Brisa» havia excedido as ordens recebidas da J.A.E.. No intuito de corrigir essa actuação, o Eng.º Leonel telefonou na presença da delegação directamente para a «Brisa», mandando que aguardassem a sua vinda a Grijó para iniciarem então as expropriações.

Fecha-se assim, oficialmente, o «caso Auto-Estrada» em Grijó. No entanto, nós não encerraremos com este artigo a nossa atenção pelo assunto, numa tentativa de continuar a defesa das populações atingidas. Prometemos voltar, para tratar o assunto com mais profundidade, principalmente as interrogações que deixamos no ar.

J. PINHEIRO DE MORAES

CLÍNICA GERAL

Rua 20 n.º 390 — Telef. 920452

CASA LUISA NOGUEIRA

João César da Costa

DEPÓSITO DE FRUTAS ★ VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

Rua 16 n.º 750

ESPINHO

Telef. 920304

círculo fechado de professores que ditavam como e de que modo se deveria tratar um doente português.

Não havia diálogo e não havia réplica... «Magister dixit...»

Então sujeita-se, no desejo de fazer da Cirurgia a sua Especialidade, a deslocar-se ao Serviço de Urgência do Hospital de S. José, de sábado para domingo, escoados de trabalho os dias de toda uma semana para ver, aprender e praticar uma Cirurgia já diferenciada e progressiva.

Inicia então, depois deste estágio, por razões de sobrevivência económica pessoal e de localização geográfica, a tentativa de continuar a realizar-se profissionalmente, num hospital do Porto — Santo António.

Mas, como na ânsia incontida de melhor e maior aperfeiçoamento, revelasse desde logo, em consequência lógica da sua maneira de ser pessoal, inconformismo perante pseudo-axiomas e regras científicas que já sabia ultrapassadas, a discordância com os próceres com quem tinha de se enfrentar e por eles ser julgado, gerou a hipótese de um lugar nesse Hospital Central, por artes daqueles que nele já previam e anteviam um rival perigoso.

Foi assim que em concurso de provas públicas é escandalosamente despojado do que pretendia e ansiava, a pretexto de ser demasiado utópico... e que poderia prejudicar e lesar os doentes.

A partir de uma temporária frustração momentânea, ELE percebe como Homem e como Cientista, que há uma força que o pode e consegue travar... Renasce então, toda a energia que lhe ofereceu a sua difícil vivência anterior e embrenha-se num estudo e aperfeiçoamento filosófico, paralelo ao profissional, no aprofundamento e conhecimento das leis humanas e sociais que o atingem e coarctam como a tantos outros.

Daí a conclusão, cientificamente deduzida, que a máquina destrói o Homem,

GOMES DE ALMEIDA

NÃO ERA APENAS UM CIRURGIÃO ...

Mas Gomes de Almeida não era apenas um cirurgião, um homem «do» coração. Era antes de mais nada, um homem «de» coração. Um cidadão exemplar. Um democrata convicto. Um humanista apaixonado. Um intelectual na mais pura acepção da palavra. A sua ânsia de elevação espiritual que dominava a su febre de conhecimentos, liava-se nele, a uma rectidão de carácter e uma nobreza de sentimentos verdadeiramente excepcionais. Era aliciente a simpatia humana que dele irradiava.

No campo das ideias políticas e sociais perfilhava as mais avançadas, as mais justas, as mais nobres, aquelas que melhor se identificavam com a sua concepção de justiça social e com os seus anseios de liberdade, de que nunca abdicou. Era um idealista e um lutador. Jamais ocultou as suas convicções. Teve sempre a coragem de as afirmar publicamente e de assumir a responsabilidade dos seus actos. Comprazia-se nos torneios dialécticos. De uma elocução — podia mesmo dizer eloquência — fácil e vibrante, a sua argumentação era sempre convincente. Se não tivesse sido um cirurgião notável teria sido um advogado fluente, um tribuno consumado. A elegância moral de que revestia sempre os seus actos conquistara-lhe amizades e dedicações, mesmo entre aqueles que se consideravam seus adversários.

A sua bondade era proverbial. A sua generosidade não conhecia limites. Sofria com as desgraças alheias e nunca deixou de socorrer quem dele necessitasse, ocultando sempre a mão que dava a esmola que a agradecia. O amor da família e o culto da amizade eram os mandamentos mais respeitados da sua religião.

NORBERTO LOPES

mas que também o Homem pode combater a máquina... para que possa sobreviver.

Sem serviço hospitalar organizado e consciente para alargar e expandir o seu querer e actividade, antevê a necessidade e possibilidade de, correndo riscos e dissabores, ir de hospital em hospital, de terra em terra, ainda sem as condições totalmente desejáveis ao trabalho que se propunha, mas onde pudesse iniciar uma cirurgia de início acessível, e que retivesse e aproveitasse a toda uma camada de doentes que dela necessitavam, e teriam de encaminhar-se forçosamente para os três grandes meios médicos do País.

Assim começou de trabalhar, e como o nível técnico fosse desde logo apreciável e os resultados atingidos se traduzissem por uma progressiva relutância dos utentes desses hospitais onde actuava, em serem en-

viados aos potentados das cidades, os seus colegas de profissão, visceralmente dependentes destes últimos vinculados, começaram a denegrir, chamando-lhe o «caixeiro viajante da cirurgia».

De todas estas caminhadas, num anseio sempre cada vez mais convicto de se realizar como cirurgião de vanguarda, comendo o pão que o diabo amassou, sem horas de repouso, ou de repouso insuficiente para o que estava produzindo, cito como reforço do que digo, um dos mais prestigiosos Professores de Cirurgia de Portugal, Francisco Gentil, que escreve acerca da sua tarefa, no prefácio da sua monografia «Carcinomas do estômago»:

«Fez o seu trabalho, realizado num meio disperso, conseguindo vencê-lo e demonstrar a sua tenacidade profissional, afrontando também a falta de ambiente. Ambiente esse que deveria ser proporcionado aos que mostram, como Gomes de Almeida, o proveito que lhes daria e que eles saberiam aproveitar, desde a tranquilidade de um bom serviço hospitalar auxiliado por laboratórios e pessoal idóneo, até aos colaboradores indispensáveis para facilitar a produção científica».

GOMES DE ALMEIDA era e foi-se sucessivamente complementando como um cientista de nítida formação dialecto-materialista. Relembremos um dos seus escritos, afirmando na introdução à sua monografia «Cirurgia do Coração»,

«As possibilidades das ciências não se processam, ao mesmo tempo, em toda a parte; estão na dependência das Instituições, da capacidade realizadora individual e colectiva, dos conceitos sobre o valor e possibilidades de investigação científica e, ainda, de

leva-o a suspender em pleno fastígio do seu prestígio profissional, e durante um ano, a sua actividade, e vai estagiar no Hahnemann Medical College de Filadélfia, onde junto de Bayley e de Glover, faz a sua aprendizagem nos domínios da cirurgia do coração, inexistentes ainda em moldes sistematizados em Portugal e fascínio de tantos e tantos cirurgiões da época.

Regressado, apresenta no Congresso Internacional de Cirurgia, em Lisboa, em 1953, juntamente com Byley e Hook Bolton uma tese sobre «Mil casos de estenose e insuficiência mitral, tratados cirurgicamente».

No Hahnemann é-lhe concedido o título de *Post-Graduate e Fellow* em cirurgia cardio-torácica.

Renasce toda uma nova actividade, toda uma série de cansaças, desgostos, satisfacções, caldeado tudo com um supremo esforço para lançar e realizar a cirurgia das lesões cardíacas dependentes do foro cirúrgico.

O Homem — cientista —, já de si desiludido mesmo assim quiz deixar alguma coisa do muito que fazia e do imenso que não conseguiu fazer.

Começou então de ajudar e iniciar novos e jovens cirurgiões na prática da cirurgia cardíaca que estava nas possibilidades do momento. A essa maneira de ser, de sentir e de proceder de satisfação pessoal, ainda que precária, devo eu o ter no meu «curriculum», intervenções de comissurotomia mitral, tratameto cirúrgico do canal arterial persistente, de pericardiotomias e a possibilidade de ser um dos poucos cirurgiões portugueses com um caso de ferida do ventrículo esquerdo operado com total recuperação do doente.

Não posso, não devo, nem quero esquecer o que agora vos digo.

Espinho, como tantas outras terras do nosso País, tinha toda uma Medicina feita à base do clínico geral, praticada de forma individualista, sem conexão alguma entre os diferentes médicos, os quais, quando lhes surgia um caso de patologia cirúrgica enviavam o doente para a cidade onde residisse e operasse o cirurgião da sua preferência.

Manuel Gomes de Almeida, passando da sua primeira fase de clínico geral para a sua sempre ansiada meta de cirurgião, inicia então, em Espinho, a realização da prática desta especialidade, montando e organizando com a sua pertinácia, a Casa de Saúde de Espinho, de sua propriedade e exclusiva responsabilidade.

Porque só assim seria possível que doentes a operar não necessitassem todos de sair da sua terra. Havia já um edifício velho, tremebundo, e adaptado a posto de socorros, onde só o pensar-se em acto operatório era motivo para excomunhão médica.

Entretanto, de início com colegas contemporâneos e de vistas mais largas, posteriormente e pelo seu exemplo, com toda uma equipa de outros mais novos logo atraídos e seduzidos pela nova perspectiva que Gomes de Almeida oferecia, este chega até ao ponto de ao fim de uns anos realizar no tal velho casarão, cirurgia do esófago...

Conseguiu transmitir toda uma coesão e sentido de equipa que mais tarde levou conscientemente, toda uma população e as autoridades oficiais a sentirem a necessidade da construção de um novo Hospital, já que o velho casarão não suportava nem justificava o que lá se fazia já e então.

No dia em que este Hospital iniciou a sua tarefa assistencial, sem inauguração oficial alguma, nós, todos os profissionais médicos e paramédicos que nele viemos trabalhar, corrimos os olhos embevecidos pelo que nos era então oferecido e pelas possibilidades de trabalho que se anteviam.

Muita água correu desde então sob as pontes e aquilo a que na altura, presunçosamente chamavam a Clínica MAYO de Espinho, está hoje quase a atingir proporções de catástrofe por incapacidade de actuação efectiva — como havia acontecido já com o antecessor Hospital: Está, como se costuma dizer, a rebentar pelas costuras...

Mas, a verdadeira culpa, o verdadeiro maestro de toda esta conjuntura que vivemos foi indiscutivelmente a personalidade humana e a tenacidade científica de um HOMEM que realizou uma Medicina diferente em Espinho, como noutras cidades e vilas onde trabalhou, e que deu pelo nome de MANUEL GOMES DE ALMEIDA.

Se fosse possível ele poder ver, sentir e julgar o que deixou, só por uns momentos que fosse, que felicidade sentiria, compensando-se por certo de alguns desgostos que a vida profissional lhe ofereceu, mas que honra lhe seja, sempre conseguiu superar sobrevivendo a mentalidades mediocres, incapazes de o entenderem.

UM DIA DUMA CIDADE

Por detrás de prateleiras apinhadas de feijão enlatado, detergentes, compotas e vinhos, frente a uma robusta freguesa que protesta contra a falta de bacalhau, começa mais um dia para o merceiro daquela rua espaçosa e solarrenta. Enfiado num cinzento guarda-pó, pendurado num cigarro, servindo um copo de tinto com gasosa àquele velho desdentado que passa os dias frente a frente com um tabique e ilusões perdidas, o nosso merceiro é mais uma peça dum dia igual aos outros que agora começa. Para ele a preocupação constante é que não o aborream com o bacalhau nem com o preço do óleo, pois dez patacas para a frente ou para trás é-lhe indiferente. «Viver e deixar viver» é o seu lema, a sua orientação, quer aturando os protestos das freguesas, da família ou dos fornecedores.

E assim, entre arroz e milho, copos de tinto e fiados, correrá mais um dia para o merceiro. Contrariamente, a criada de salientes formas e cabelo oxigenado, está mais interessada em piscar o olho ao rapaz da esquina que ouvir as ordens da patroa, do mesmo modo que o mecânico, desdentado e de

protuberante ventre desinteressado de sonhos de criadas e de damas de salão, da falta de bacalhau ou do preço do açúcar, quer é que os motores ronquem ruidosamente, mãos inundadas de óleo, chave de parafusos em riste.

O dia começa e arrasta-se, nasce sem vida, por entre tímidos raios de sol, alimentado da rotina do quotidiano, de desesperos e lutas sufocadas, de muitas vidas também ceifadas ao nascer.

Um dia que passa soluçado, atravessado na mente de quem teme envelhecer. Um dia com uma multidão apinhada num areal cada vez mais raro, tostado-se, recebendo salgadas lufadas de vento, de maresia. Mais um dia de trabalho na fábrica ou no campo, sofrimento sufocado, suor que alimenta.

Um dia numa cidade! Entre latas de conserva, roncar de motores, corpos tentando roubar uma nesga de sol, mesas de café, automóveis, crianças esboçando um sorriso, vultos gastando o quotidiano.

Um dia numa cidade entre desejos e desesperos abafados!

M. G.

NASCENTE — CINECLUBE

«Pequeno grande homem»

Dia 27, às 21.30 horas, no Salão da Piscina

A próxima sessão de cinema da Cooperativa Nascente insere-se no espírito com que os responsáveis pelo Cineclubes procuram orientar o seu trabalho. Trata-se dum filme que, embora dentro da mesma temática — o «western» — do apresentado anteriormente («Rio sem regresso»), procura dar-nos uma visão algo diferente da colonização do Oeste americano.

Um Cineclubes tem por obrigação proporcionar a visão de bons filmes (tantas vezes esquecidos), mas também a formação cinematográfica dos seus sócios. Ora, quer-nos parecer que uma boa maneira de atingir este último objectivo é fazer com que as pessoas que assistem às sessões do Cineclubes possam ter acesso a uma variedade, dentro do possível, de diferentes maneiras de apresentar um tema, de o realizar, de o interpretar, etc.

Este pequeno ciclo sobre o Oeste Americano procurou materializar isto mesmo. Primeiro, apresentámos um filme que talvez tenha merecido alguns reparos; agora, um outro que mereceu o seguinte comentário de Vasco Granja:

«O Pequeno Grande Homem», de Arthur Penn, é um filme que se inscreve na linha humanista do cinema norte-americano de sempre, caracterizado por uma generosidade exemplar e por uma participação activa do

autor no destino das suas personagens. É o cinema típico de Howard Hawks, John Huston, Joseph Losey, Orson Welles ou John Ford.

Ao escolher um tema do Oeste, Arthur Penn sabia perfeitamente que o «western» é a melhor maneira de dizer as verdades sob uma forma que reveste a aparência do espectacular. Quando leu o romance de Thomas Berger, Penn interessou-se essencialmente pela questão que «Little Big Man» desenvolve do primeiro ao último capítulo — a dominação dos índios pelos brancos dos Estados Unidos, situação esta que levou ao extermínio quase total da população índia.

«O Pequeno Grande Homem» não é um documento histórico sobre a grande derrota que o exército americano sofreu em Little Big Horn, a 25 de Junho de 1876, sob o comando de um militar orgulhoso e intolerante — George A. Custer, que soubera forjar uma estranha personalidade de falso herói popular dominado por uma ideia obsessiva: o extermínio dos índios. Embora a batalha de Little Big Horn ocupe uma parte substancial no filme de Penn, a preocupação do autor de «Bonny e Clyde» consistiu, embora dando ao espectador um certo número de referências históricas, em desmascarar o falso folclore que ainda domina tudo o que se refere à situação do índio na sociedade americana.

Rascunhos

Naqueles tempos... era assim mesmo.

Já sopravam os ventos da história mas cá pelo rectângulo ibérico erguiam-se muros para combatê-los. Contra a maré. Teimosamente sós. Tentando obstinadamente impedir aquilo que era fatal como a fatalidade. Como hoje está à vista de todos nós.

Pois é verdade, naqueles tempos era assim mesmo. Quem queria ir até à praia para tostar a pele ou mergulhar o cadáver nas ondas já sabia o uniforme que lhe era imposto. Para os homens: um calção que devia cobrir-lhes o umbigo, tinha que tapar-lhes não sei quantos centímetros das pernas, e uma espécie de saio na frente a impedir que quem quer que fosse se apercebesse dos principais «atestados» da masculinidade. Para as mulheres: um fato de uma só peça, cobrindo ainda mais os seus corpos do que o que acontecia com os elementos do outro sexo. E já me esquecia de dizer que os homens não podiam andar em tronco nu; tinham que vestir uma camisola, se não preferissem um «maillot» estilo 1900.

Sabem em que época se passava tudo isto? Pois, muito embora os novos não acreditem e os menos novos já se tenham esquecido, vivia-se então já depois de terminada a segunda guerra mundial, quando o turismo internacional começava a desenvolver-se grandemente e deixara de ser exclusivo dos homens de «massa» para se alargar à massa dos homens.

Lá como as mulheres se sentiam não sei. Mas talvez lhes não fizesse grande diferença porque não há nada como o escondido para despertar cobiças e atenções. Mas os homens esses é que se não sentiam nada bem, especialmente pela obrigatoriedade do uso de camisola. Saiote a mais ou a menos, umbigo ao sol ou em pudica sombra, pernas mais ou menos des-tapadas, isso ainda era o menos. A lei era rigorosa e obrigava os pobres cabos do mar e polícia marítima a um trabalho inglório e incomodativo pois nem todos os banhistas se curvavam de boa mente ao seu cumprimento, descarregando a bilis sobre os pobres funcionários que não tinham culpa nenhuma da imbecilidade do legislador.

Para evitar massadas e discussões em que não levávamos a melhor, porque a lei era mais forte do que nós (e alguns que foram levados à Capitania que o digam), começámos a escolher a praia do norte, então quase sempre deserta, onde os agentes da autoridade marítima poucas vezes apareciam. Quando se lhes vislumbravam as fardas brancas, era um ver-se te avias. Numa extensão de dezenas de metros só se viam braços no ar e camisolas a enfiar pescoço abaixo...

A historieta não tem interesse por aí além mas servirá para lembrar aos esquecidos e contar aos desconhecidos o que seria o resto da nossa vida quando até nos fatos de banho era tal qual acabo de contar.

CARLOS P. MORAIS

GAZETILHA

PANORAMA FESTIVAL

Num destes dias candentes
Da Costa Verde encantada;
Ondas morrendo, indolentes,
Na meia-tarde abafada,
Foi-me dado contemplar,
Entre surpreso e gozoso,
Espectáculo sem par
Num quadro prodigioso:

Olhando as praias do Norte —
— Rica orquestração de cores —
Ao longo do seu recorte
E nas restingas maiores,
Era um fervilhar de gente,
Muito mais do que um milhar,
Que se banhava, contente,
Em comunhão singular;

Pelo mar dentro alinhada,
Dava aos olhos a ilusão
Aberrante, exagerada,
De que havia... outro esporão,
Não de inerte pedra bruta,
Mas vivo, áacre, humano...
Visão que só se desfruta
Em poucas marés do ano.

E essas multidões amigas
Por sóis de Agosto queimadas,
Eram, no mar, quais formigas
Marchando em filas cerradas...

Acode-me um pensamento
Com seus laivos de sinistro:
Valeu mais este momento,
Que o discurso dum ministro!

ALBERTO BARBOSA (BEKA)